

SEBASTIANA DE OXÓSSI (1933-2019)

MÃE GRANDE KILOMBOLA GUERREIRA DO FUTURO ANCESTRAL

Luciana de Oliveira¹
Fernanda de Oliveira²

[Sebastiana Geralda Ribeiro da Silva, 5 de dezembro de 1933-6 de junho de 2019]

Quando Tiana era criança, sua avó lhe falava: “Você vai rodar mundo, minha filha! Você não vai ter uma família só. Você vai ser uma mãe grande!” Aos sete anos de idade, talvez antes, Tiana já trabalhava nas roças e nas matas, preparando a terra, plantando, colhendo. Como nos contou, naquele tempo “não tinha escola, não tinha nada... só tinha direito de trabalhar”.

Na escola da antiga fazenda, onde trabalhava junto de pai e mãe, quando a professora chegava, a menina ia à caça de um canto discreto de onde pudesse escutar: “queria aprender um bocado, ler e escrever”. Certo dia, descobriram-na escondida e a proibiram de se aproximar da escola enquanto as aulas aconteciam. Desde quando Tiana começou a “se entender por gente”, o “mundo dos brancos” lhe aparecia assim, cheio de abusos e privações.

Na igreja, na escola, “preto não podia entrar”. Mas, Tiana se formou na “escola do mundo”, como gostava de falar, tornando-se a liderança de um quilombo na cidade de Bom Despacho, região centro-oeste de MG a 150 km da capital. Destacada referência para os movimentos quilombolas no Brasil, Sebastiana recriou um mundo diferente, onde aprendeu a fazer maravilhas, desamarrando as interdições - essas engrenagens violentas do mundo dos brancos -, e sempre guiada pelos “povos do tempo, das matas, da terra e do ar”, como dizia.

¹ Professora associada e pesquisadora-extensionista no Programa de Pós-Graduação e no Departamento de Comunicação Social da UFMG, onde atua também no grupo gestor da Formação Transversal em Saberes Tradicionais (2014-Atual). É líder do Grupo de Pesquisa Corisco (Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco). Desde 2012, desenvolve trabalhos e pesquisas em colaboração com a comunidade do povo Kaiowá de Guaiviry Yvy Pyte Y Jere em Mato Grosso do Sul, com produções em cinema, artes visuais, redes digitais e editoriais. É co-organizadora, junto com o casal de rezadores Kaiowá Valdomiro Flores e Tereza Amarília Flores, do livro *Ñe'e Tee Rekove/Palavra Verdadeira Viva* (2020) e co-autora do livro-objeto *Tee: amboe oguhema omburahei ha oñembosarai haguã/Descendentes: Outros que chegam para rezar e brincar com Paulo Nazareth*. Email: luciana.lucyoli@gmail.com

² Fernanda de Oliveira é antropóloga doutora em Educação pela UFMG, formada junto a mestres e mestras de saberes tradicionais de quilombos e terreiros de matrizes africanas. Integrante fundadora do Núcleo de Estudos Quilombolas, Indígenas e de Populações Tradicionais da UFMG (NuQ), foi colaboradora da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, entre 2014 e 2018. Atua profissionalmente como assessora de comunidades tradicionais e consultora em estudos relativos a direitos territoriais, patrimônio cultural, cultura e educação.

Foi mãe espiritual e mentora de movimentos organizados das comunidades quilombolas por cerca de 50 anos. Sua luta engajada nas articulações em Minas Gerais e junto à CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) foi uma generosa extensão da resistência da sua própria comunidade, Carrapatos da Tabatinga. Um quilombu que traz esse nome porque sobreviveram, resilientes, a dezenas de ataques genocidas realizados por latifundiários apoiados por agentes políticos e forças policiais. Do ponto de vista desses poderosos coloniais, seu povo era “que nem carrapato, sempre juntos”. O nome se refere também ao barro branco, tabatinga, amassado com os pés para a construção das moradias quilombolas.

Mas, o que aborrecia aos “senhores” era a misteriosa capacidade que “esses pretos” tinham de reaparecer, tempos depois de violentos combates, “como carrapatos que tentam matar, mas não morrem”. Durante as guerrilhas, despossuídos de armas de fogo, a maioria dos homens da comunidade não sobrevivia. As mulheres e crianças se escondiam em buracos fundos cavados na terra, preparados estrategicamente com a devida antecipação. Nessa cadência combativa, com o poder e o espírito das mulheres, foram fazendo a comunidade que conta, atualmente, com mais de 100 famílias, e se tornou parte de um bairro, Ana Rosa, na medida em que a cidade foi avançando sobre a área rural. A comunidade atrai muitos pesquisadores por ser lugar onde ainda é falada a “língua do negro da Costa”, ou a “gíria de Tabatinga”, uma língua afro-brasileira de matriz banto.

Na cidade, como em centenas de outras em Minas Gerais, o “mundo da autoridade eclesiástica” não admitia o “espiritismo dos pretos”, nem que os congadeiros divulgassem outra fé que não fosse a da igreja católica. Mas, Tiana se tornou Sebastiana de Oxóssi, zeladora do Centro Espírita São Sebastião, mãe grande de tantos “filhos e filhas de santo” espalhados pelos diversos lugares por onde atuou.

E o “mundo das autoridades masculinas da tradição reinadeira/congadeira” não admitia que as mulheres participassem de um Moçambique, mas Sebastiana tornou-se capitã do Moçambique de São Benedito e ajudou a construir uma igreja para homenagear o santo. O padre não permitia sua presença na festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. E a capitã Sebastiana foi buscar providências da autoridade de Dom Serafim Fernandes de Araújo, governante da Arquidiocese de Belo Horizonte, conquistando a documentação para que pudesse celebrar a Senhora do Rosário, livre de perseguições oficiais.

Tornou-se também confeiteira, cozinheira profissional e assistente de enfermagem, trabalhando com muitos doutores da medicina moderna, dos hospitais. No campo vasto da medicina de matrizes africanas tradicionais, ela foi formada curadora, pelos guias da ancestralidade, mestra em cantos, danças, benzeduras e no uso de folhas e raízes. Formou-se também mediadora da presença das entidades encantadas, dos pretos velhos e caboclos, curadores na linha da umbanda. Mulher quilombola, Tiana guerreava contra o racismo, o agronegócio e a concentração fundiária, exercendo seus atos guerreiros de mobilização e denúncia contra as injustiças raciais, também por meio de cantos, das bênçãos e da sua memória viva manifestada. No filme documentário Raça (2013, de Joel Zito Araújo e Megan Mylan), há uma cena importantíssima em que Sebastiana exige de funcionários da Câmara que permitam sua entrada para que ela cantasse para os deputados. O canto era uma das suas principais formas de expressão e de abertura dos caminhos.

Ao longo de sua jornada, Sebastiana participou de inúmeros eventos dos movimentos sociais, das instituições acadêmicas e culturais e colaborou com pesquisas. Tornou-se professora da Formação Transversal em Saberes Tradicionais na UFMG em 2014, dando oportunidade para que dezenas de estudantes pudessem conhecer uma parcela fundamental da “verdadeira história do Brasil”, como dizia a professora contra-colonial.

No presente ensaio visual buscamos construir uma homenagem para a grande mestra Sebastiana de Oxóssi ou Mãe Tiana. As imagens foram realizadas em diversos contextos de sua participação como professora visitante da Formação Transversal em Saberes Tradicionais no campus da UFMG, envolvendo também visitas nossas ao seu território, o quilombo Carrapatos da Tabatinga, sobre o qual atualmente incide a cidade de Bom Despacho-MG. Assim, trazemos nas imagens um pouco das diversas faces, poses e vestes de Tiana, cuja mestria inscrevia-se no corpo e se mostrava no domínio das formas de interação com pessoas, objetos sagrados, elementos da natureza e seres espirituais por meio de oralituras pronunciadas em estilo muito próprio. Em seu conjunto, as imagens em preto e branco, buscam sugerir a força da afirmação de sua presença preta em um espaço historicamente branco como também reforçam o luto que ainda elaboramos e as saudades que sua partida para um novo ciclo vital nos legou. O ensaio-homenagem se completa por uma breve lembrança poético-política de sua biografia notável.



Tiana em seu congá (Centro Espírita São Sebastião, 2015)





Herança - Tânia e Sandra (UFMG, 2014)



Tiana e Badu (UFMG, 2014)



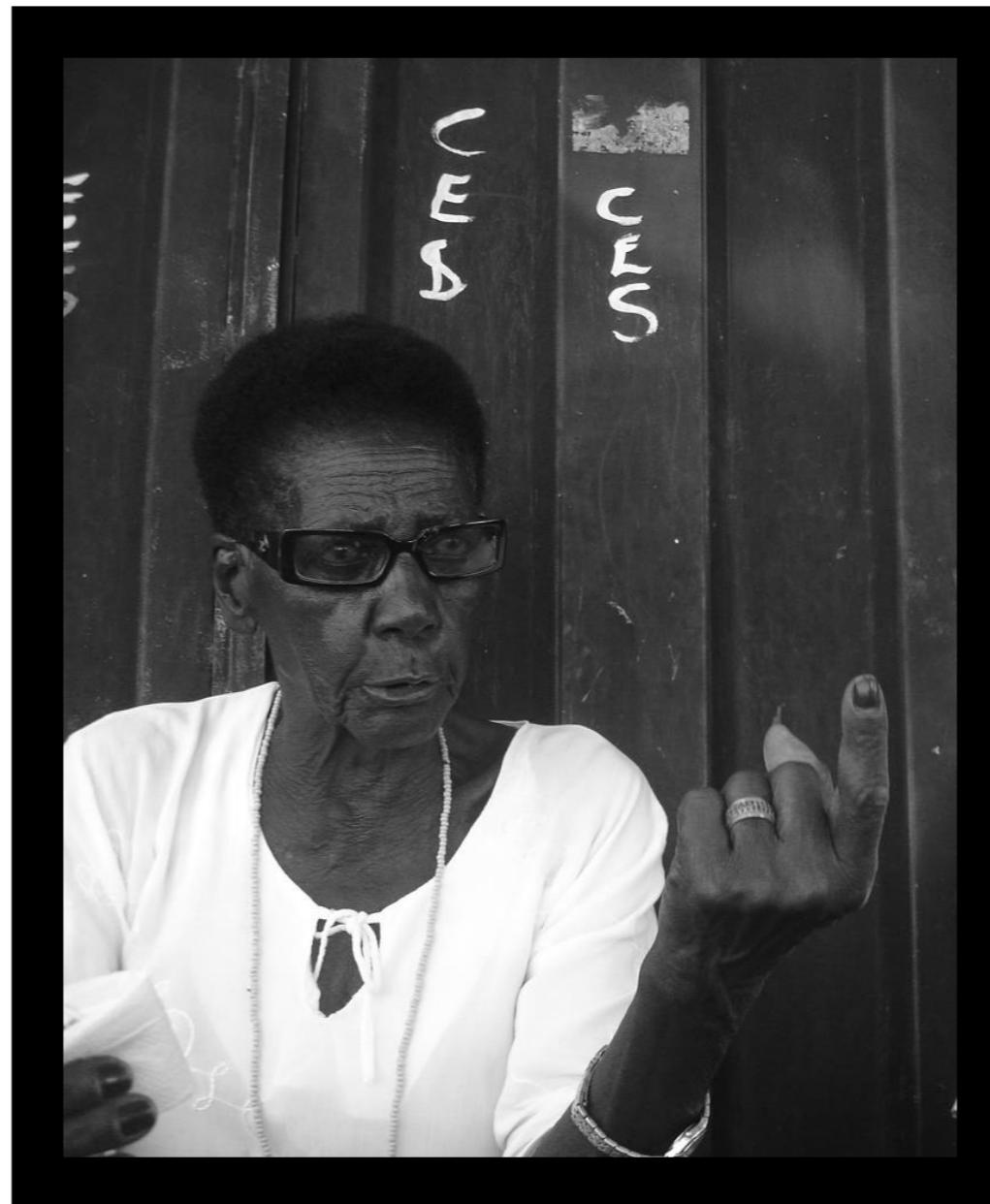


Tiana, Caboclo Flecheiro e Daniel Kaiowá (Carrapatos da Tabatinga, 2014)





Tiana de Oxóssi, guerreira de todas as horas (Carrapatos da Tabatinga, 2014)



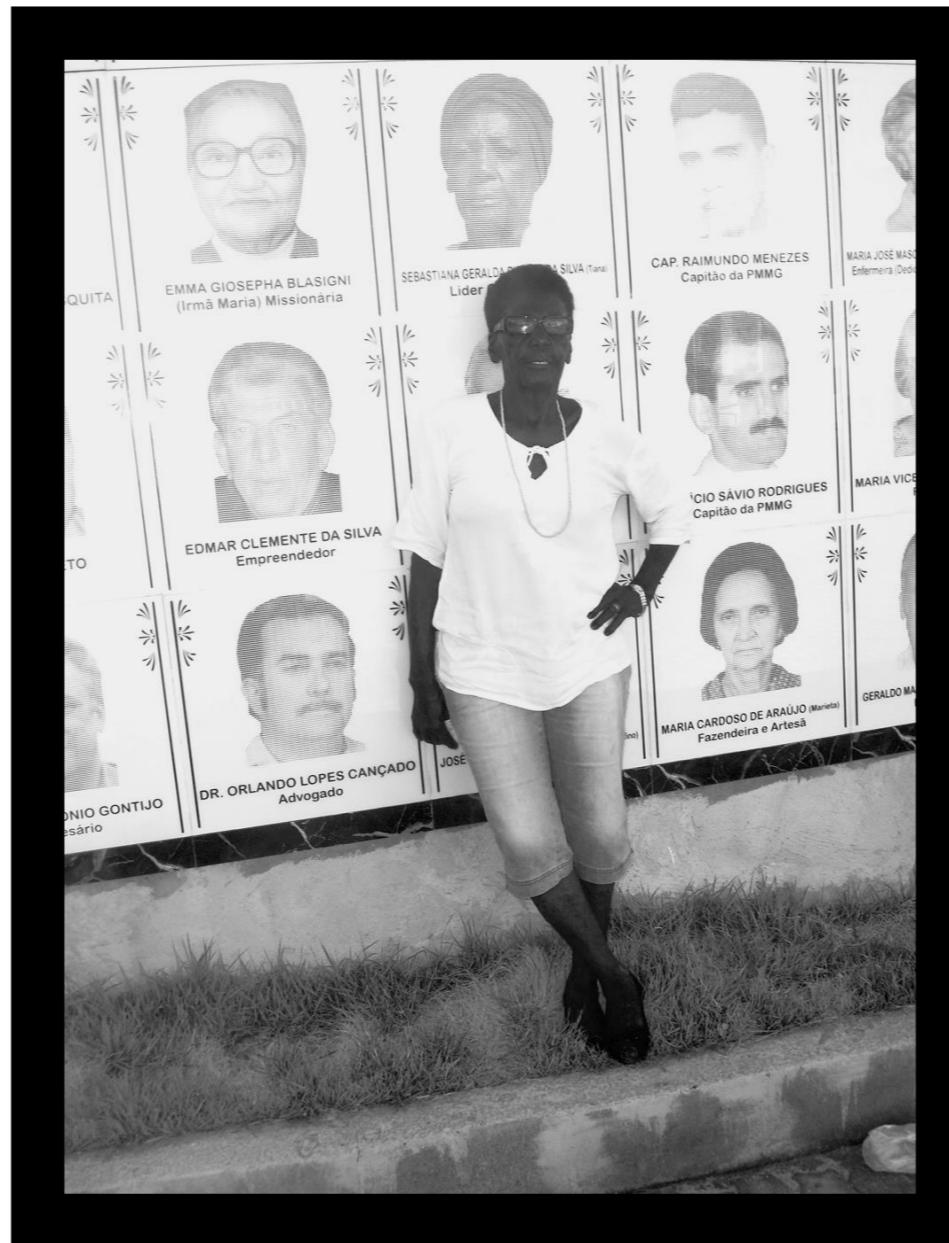
Tiana sempre contando a "verdadeira história do Brasil" (Bom Despacho, 2015)







Tiana e Álvaro Tukano (frames I, II, III e IV, UFMG, 2015)



Tiana e seu retrato (Memorial do Centenário, Bom Despacho, 2015)





Tiana e Jorge Guerreiro (Centro Espírita São Sebastião, Carrapatos da Tabatinga, 2015)



